

Prelúdios

Criciúma : Fim de 2005

Desde a adolescência eu levava uma vida perversa. Comecei a usar drogas aos 13 anos de idade e aos 14 anos, quando meus pais perceberam que estava sumindo coisas de casa, passei a me prostituir. Assim eu podia facilmente obter o dinheiro para as drogas, e descobria um novo vício, o sexo.

Tudo era muito excitante, fiz várias amizades novas, conheci homens e mulheres. Alguns membros da elite da cidade, que me davam rios de dinheiro para satisfazê-los, e até para trazer alguma coisa comigo, um baseado, mas na maiorias das vezes eles pediam pó mesmo.

Elite podre, na TV falam sobre educação e empregos, por trás das câmeras fodem as filhas e até filhos gays de seus próprios funcionários.

Não há pai de família em uma empresa grande que não tenha subido na carreira graças aos favores prestados por suas filhas, e por suas esposas também.

Meu pai estava nesta ascensão, a última coisa que podia ter acontecido era descobrir como subia tão facilmente na vida. Quando soube, brigou com o dono da empresa onde trabalhava, que era seu amigo a muito tempo e transava comigo a pelo menos 6 meses. Acabou se demitindo, velho idiota. Briguei com ele e sai de casa.

Parei de estudar, mas não sem antes levar comigo algumas de minhas antigas amigas. Caroline, era uma delas, a mais nova do nosso pequeno grupo, eu a amava. Fazia tudo por ela. Até transei com traficantes sujos e nojentos para saudar uma dívida de drogas dela. Ela não queria fazê-lo pois tinha medo de pegar alguma doença. Eu também tinha, mas eu a amava.

Com 17 anos, viciada em drogas e sexo, estávamos eu e algumas amigas e amigos. As amigas eram prostitutas, algumas de rua, outras de classe, os amigos, cafetões e traficantes. Caroline tomou muita coisa, foi demais pra ela. Quando começou a vomitar sangue, a pequena festa-orgia que tínhamos acabou, e todos saíram. Fiquei sozinha com meu amor, morta, nenhum amigo mais me restava.

Em desespero a abandonei ali, e ainda suja com seu sangue procurei meus pais. Implorei por perdão, disse que pararia com tudo, faria o que eles quisessem, mas que me aceitassem de volta. Eles concordaram tão logo eu concordasse com uma internação.

Outro inferno de dois anos, a abstinência era terrível. Não há de drogas, essa era suportável, mas a de sexo. Tão grande que nesse período de internação, seduzi e transei com um enfermeiro três vezes, e também com minha médica. Que me deu alta desde que eu prometece não contar nada a ninguém. Trato feito.

A dependência das drogas, já não existia. Era a libido que me deixava louca. Voltei pra casa, e comecei com uma série de denúncias anônimas sobre os principais pontos de drogas da cidade. Ferrando muita gente que conhecia.

Quanto ao sexo, sendo maior de idade consegui comprar um vibrador e isso não foi mais problema. Mas ainda chorava a noite com saudades de Caroline. Faria tudo para tê-la de volta em meus braços, acariaciar seu corpo...

Não sei como me descobriram, mas uma tarde, quando atravessa pelo Shopping Della Justina para

chegar na praça da igreja. Fui abordada por um jovem que a princípio não reconheci.

“- Você vai pagar por todo o prejuízo que tive por sua causa puta.” Ele disse assim que se aproximou de mim. Finalmente reconheci a voz, era um rapaz que me vendia drogas anteriormente. Estava bem de vida, bem vestido com o dinheiro das almas escravizadas por seus produtos.

“- Você vai pra casa agora, vai pegar todas as jóias de sua mãe, o dinheiro de seu pai, aparelho dvd, tudo o que for de valor e for portátil. Vai botar tudo no carro do seu pai e vai ir com ele hoje de madrugada, vai esperar meu amigo, perto do estádio, na rua Constante Casagrande bem em frente ao edifício Flamingo.” Eu estava suando frio. Tudo havia ido por água abaixo, como isso tinha acontecido?

“- Faça tudo o que te falei, se não fizer, essa terá sido a sua última noite. Não adianta ligar pra polícia, ela não vai fazer nada. E pense bem, se fizer direitinho, te espero amanhã a noite no nosso antigo clubinho para retornamos ao trabalho de onde você parou.” Tendo dito isso ele saiu.

Fiquei ali, congelada por alguns segundos, minutos, ou talvez horas. Assim que me recuperei a ficha caiu. Minha mãe morrera de desgosto enquanto estava na vida de prostituição. A minha madrastra não nutria nenhum carinho por mim. Só podia ter sido ela.

Fui pra casa e me tranquei no quarto, mas não dormi. Aquela falsa veio falar comigo a noite, bateu na porta mas eu não atendi. Ela deve ter achado que eu estava dormindo, pois foi pra sala usar o telefone. Eu havia me preparado para aquilo. Estava com um aparelho telefônico barato, pronto para ligar numa antiga extensão que tinha no meu quarto.

Tive sorte, ainda funcionava. Liguei com cuidado, evitando ao máximo provocar o ruído de uma extensão sendo puxada. Por um momento achei que tinham percebido, pois a conversa silenciara. Mas logo em seguida continuou.

“- Ela está em casa, trancada no quarto, não fará nada.”

“- Que pena, eu realmente gostava dela. Ela me deu muito lucro.” Era a mesma voz de hoje a tarde.

Fiquei estática, meu temor era verdadeiro. Quando ele desligou ela ainda continuou na linha.

“- Gostou do que ouviu sua vadiazinha.” Disse minha madrastra.

“- Você acabou com o emprego de seu pai, acabou com a vida da sua mãe e ainda teve a coragem de voltar.”

“- Por sua culpa hoje tenho que fazer o seu papel, garantir o sucesso de seu pai. E justo agora, ele gasta quase todo o dinheiro com você, fruto do meu sacrifício. Você nunca devia voltar sua puta. Devia ter sido você a morrer no lugar daquela garota.”

“- E não adianta falar nada pro seu pai. Em quem você acha que ele irá acreditar, em você, que o traiu, que o humilhou, ou em mim que o amparou quando sua mãe, outra piranha, morreu.”

“- Sabia que sua mãe morreu de tanto dar a bunda? De tanto dar a bunda pro meu ex-marido.” E com uma risada ela desligou.

Ela estava certa, não podia contar nada pro meu pai. Nunca amaldiçoei tanto o dia em que me deixei drogar. Não podia ficar ali, tinha que fugir.

Logo que amanheceu eu sai de casa, peguei algum dinheiro, e fugi, tinha que sair da cidade. Mas não pude ir muito longe. Tudo estava planejado. Fui pega na rodoviária. E levada para aquele lugar. Um prédio na Avenida Centenário, que um na época que eu o usava era chamado de Templo

GLS. O mesmo lugar que Caroline havia morrido de overdose.

Alí fui estuprada. Injetaram muita coisa no meu corpo. Em diversos lugares. Nunca sexo foi tão doloroso. Alí eu jurei, implorei a Deus que se eu sobrevivêsse àquele inferno, àquela tortura, iria parar com sexo e consagrar minha vida a Ele.

Por fim, tudo ficou escuro. Não havia mais dor. Não havia mais agulhas. As risadas haviam acabado. O cheiro de podridão e morte tinham passado. Será que eu veria novamente meu amor?

Londres : Meio de 2007

Estava chovendo, chuva forte, e ventava frio, de forma que o quebra vento da parada não adiantava de nada. Para piorar, tinha esquecido o guarda-chuva no trabalho no dia anterior, o que o deixou sem nenhuma proteção para a caminhada. A estação de metro de Stepney Green estava aberta, aconchegante, convidativa a sua frente. Mas de nada adiantava, era meia-noite e meia. Não havia mais trem para o centro, apenas no sentido contrário.

“Sem problema.” Ele ficava pensando. O ônibus estava vindo. Logo estaria aquecido. Antes do ônibus chegar, passou uma viatura da polícia, a sirene ligada, em alta velocidade espalhando água pra tudo quanto é lado, molhando ainda mais o pobre Saitou.

“Paciência é uma virtude.” Esse tinha sido o ensinamento durante sua vida. Vindo de uma família de japoneses ortodoxos, o que não explica seu cabelo ruivo, havia sido criado para suportar tudo e apenas seguir em frente. O ônibus parou, cheio de gente, a maioria descendentes de indianos e jamaicanos.

Muita bagunça, muita gente falando alto, discutido para o mundo todo ouvir. Passou o Oyster Card pelo leitor, bip-bip. “Mas que merd.. Paciência.” Estava num dia bem difícil. Parecia que o deus da má-sorte estava sobre ele. O bip duplo indicava que não tinha crédito no cartão para pagar a passagem.

É possível andar de graça em boa parte dos ônibus londrinos, mesmo não tendo crédito, Saitou não encontrou problemas em entrar no 25, o número que indica a linha do ônibus, sem maiores problemas.

Aos poucos as pessoas iam sumindo, indo para alguma festa ou para casa. Sexta-feira a noite era sempre movimentada. Mesmo com a chuva que estava caindo.

A viagem prosseguiu normalmente por aproximados 20 minutos. Num ponto próximo a estação de metrô de Bank, os fiscais da Transport For London entraram no ônibus. Um em cada uma das três portas, as pessoas que tinham que descer ali desceram, assim com as sensatas que não tinham dinheiro para a passagem.

O motorista fechou a porta, deu o aviso para os passageiros apresentarem um passe válido e em seguida continuou viagem.

Aos poucos os fiscais fizeram um arrastão, checando um por um, cobrando multa de um ou de outro, esses seriam obrigados a descer do ônibus no próximo ponto.

Até chegar em Saitou, que insensatamente não havia deixado o ônibus, talvez estivesse esquecido que não tinha crédito no Oyster, mas no fim, foi checado também.

“- Oyster Card please.¹” Disse o fiscal esticando uma maquineta na direção de Saitou. Ele prontamente colocou o cartão. Alguns milésimos passaram, a luz vermelha ascendeu.

O tempo parou na vida de Saitou. Ele não só não tinha crédito para a passagem, como não tinha dinheiro para a multa de £ 20,00 pounds². Dessa vez algo distraiu seu deus perseguidor, talvez ele tenha piscado o olho por um instante, o fiscal apenas mandou ele sair do ônibus no próximo ponto.

1 “- Cartão Oyster por favor.” (tradução)

Oyster Card é o passe eletrônico usado nos transportes públicos de Londres.

2 Pounds : Libras : Moeda corrente do Reino Unido.

Metade do caminho, mas isto era um sinal de sorte em meio aquela inundação de azar.

Quando desceu do ônibus, a chuva estava pior. O deus do azar viu que havia se descuidado e resolveu piorar a chuva, o vento e o frio.

Saitou não sabia para onde ir. O ponto de ônibus era apenas um poste com a indicação das linhas que passavam por ali.

E ele estava na metade do caminho que precisava percorrer de ônibus para ir trabalhar. Olhou no relógio, 1:15. Não havia como ter certeza em que hora o próximo ônibus iria passar.

Na chuva não era possível ver nenhum lugar para se abrigar, tão pouco ver se algum ônibus se aproximava. Olhou mais uma vez para o placa, 23, N11, N15, N21, N26, N47, N76.³ Não havia 25 na lista, o ônibus, por alguma razão estava fora da linha e Saitou se viu totalmente perdido. Não saía muito de casa, não sabia onde estava. Resolveu andar, achar algum abrigo e esperar a chuva passar.

A chuva era forte e barulhenta, o que o impediu de ver que o ônibus que se aproximava por suas costas e passou rapidamente por ele, levantando uma onda de água, molhando-o desnecessariamente pois não havia mais nada de seco em seu corpo. Ele viu, enquanto o ônibus se distanciava, no letreiro atrás do ônibus o número 25.

“- Poorrrraaaaaa!!!” Gritou ele para os céus. O deus do azar o ouviu e respondeu com uma ambulância passando rapidamente por ele, dando-lhe um segundo banho.

Baixou a cabeça e seguiu vagarosamente. Achou um beco, as sacadas do prédio criavam a proteção da chuva. “Graças aos deuses.” Pensou em falsa alegria.

Se escorou na parede e demorou para perceber que tinha companhia. Quando olhou, viu um rapaz de sapatos velhos e rasgados, calça jens toda suja, uma jaqueta novinha cobrindo o peito nu. Ele estava dormindo em pé, com as mãos no bolso.

“A jaqueta certamente é roubada.” Pensou enquanto analisava o segundo indivíduo. Este parecia mais decente, apesar de a roupa estar um pouco suja, com certeza por causa da chuva. Tênis ainda branco, calça jeans rasgada, mas daquelas que você compra nas lojas, calças que já vem rasgadas. Uma camiseta de alguma banda desconhecida, Kiss.

“Que banda daria o nome de 'beijo' para sí. Certamente eram dessas bandas de garagem.” Ele também usava um chapéu de abas largas marrom-claro e ficava brincando com um maço de cartas. Jogava-as de uma mão para outra, abria o leque, tirava um As e guardava no bolso. Jogava para a outra mão, abria o leque, tirava outro As e guardava no outro bolso. E assim repetia.

Fez isso diversas vezes antes de guardar as cartas no bolso e ir embora, na chuva.

Saitou olhou novamente no relógio, já eram duas horas. Devia estar começando a trabalhar agora. Estava muito atrasado.

E nenhum sinal da chuva diminuir. Quando pensou na chuva que se deu conta. O cara de chapéu estava praticamente seco, e faziam horas que estava chovendo. “Quanto tempo será que ele ficou aqui parado?”

Assim que o cigano saiu, o mendigo de jaqueta nova abriu os olhos.

Fez isso de forma bem lenta, a princípio olhando para frente, mas virando os olhos em direção à Saitou, tão lentamente quanto os abria. Sorriu, tirou as mãos do bolso, em uma delas havia uma

3 “N” é a abreviação para “Night Bus”. Serviço de ônibus que funciona apenas durante a noite.

faca.

“- Por favor. O que você quer.” Disse Saitou recuando, tropeçando nos próprios pés, mas ainda mantendo o equilíbrio. O deus do azar sorria, sorria também o mendigo com a faca.

“- Eu não tenho nada. Olhe.” Continuou dizendo, abrindo a carteira e mostrando para o bandido, estava vazia. Como o bandido continuou sorrindo e avançando, e o azarão dando gargalhadas discretas, Saitou acabou deixando a carteira cair no chão.

“- Tome. Pegue.” Falou tirando o relógio e atirando-o perto do medigo de jaqueta nova que segurava uma faca. Dessa vez ele parou de sorrir, e se atirou contra Saitou, o imprestável deus dava altas gargalhadas, que ressoavam como trovões na tempestade fora de época.

Saitou tropeçou nos próprios pés denovo. Como caía, tentou segurar na mão com a faca que pulava em sua direção. O mendigo caiu junto dando um mal jeito com o braço e virando a mão. Saitou sentiu o líquido quente escorrer sobre si.

Por um momento achou estar morto, aquele calor esquentando finalmente seu corpo enquanto tudo mais estava frio. Então percebeu que não havia sentido dor alguma, nenhuma fígada quando a faca penetrara seu corpo.

Logo viu a cara do mendigo, estava sorrindo, um sorriso congelado, sem vida. Os olhos estavam brancos. Ele caiu para o lado. As mãos e braços de Saitou estavam manchadas de sangue, mas sua roupa milagrosamente não. O sangue saiu do corpo morto rapidamente, como se o coração estivesse bombeando todo o sangue do corpo para fora. O deus do azar rolava no chão dando gargalhadas mudas, era satisfação e risada demais para suas cordas vocais produzirem algum som.

Saitou começou a correr para longe dali, vários ônibus passaram por ele, mas ele não queria saber de ônibus, correu, correu, não sentia mais suas pernas, não sentiu que a chuva havia desaparecido completamente, nenhum sinal dela, nenhuma nuvem no céu. Por onde andava o chão estava seco, e seco ficou seu corpo e suas roupas em pouco tempo.

Londres : Começo de 2008

Estava frio, 9:00 da manhã, ainda era noite. Noite de Londres. Havia nevado a noite, a estação, a céu aberto, estava totalmente branca. Era uma estação antiga, criada a quase um século atrás. Estava muito frio, apesar de não haver vento. Sem lugar para sentar Tracy C. Grimaria teve de esperar o trem em pé. Felizmente não demorou muito para o trem aparecer.

“- Estou com sorte.” Disse assim que o trem parou e entrou no aconchegante vagão. Estava vazio. Havia descoberto nessa manhã que seu PSP estava estragado, uma teia permanentemente de vidro trincado ocupava toda a tela do aparelho.

“- Como que isso foi acontecer?” Ficava se perguntando. Não havia lógica, ele não havia caído, nem colocado nada em cima dele. E como estava de folga naquele dia resolveu ir até a Game, a loja especializada e jogos para ver se poderia trocar, talvez conseguisse que a garantia cobrisse.

Seria uma longa viagem até o centro. E ele não teria o PSP para ficar jogando. Olhou em volta, nenhum jornal para que pudesse ler.

“- Só espero não dormir.” Falou no vagão vazio. Frequentemente, quando estava sozinho Tracy falava em voz alta, ao invés de apenas pensar. Quando questionado sobre essa mania horrível, dizia que o ato de falar fazia com que o pensamento ficasse gravado, não se esvaisse facilmente, da mesma forma que escrever algo era melhor que apenas ler para memorizar.

De fato, Tracy gostava de escrever, ele tinha pilhas de cadernos com cópias manuscritas de livros, artigos da internet e jornais. Quando achava algo interessante, levava o jornal pra casa, escrevia a notícia uma vez para memorizar, depois novamente mas alterando-a conforme sua opinião, em seguida criticando a própria opinião e remodificando o texto, e assim até que se sentisse satisfeito ou cansado e tarde da noite fosse dormir.

Nunca jogava fora os artigos velhos, pois, quando sentia vontade ou lembrava de algo, relia tudo o que tinha escrito e reescrevia, iniciando assim todo o processo até chegar a uma opinião que o satisfizesse.

Olhou novamente, andando e checando pela terceira vez banco por banco, até que encontrou um passe diário de trem.

“- Quem sabe a minha sorte vai me permitir voltar de graça para casa.” Disse apanhando o passe que estava quase totalmente escondido na lateral do bando.

“- É, não foi dessa vez.” E assim largou o passe onde estava, era do mês passado.

Finalmente sentou e ficou pensando o que um passe de um mês de vencimento estava ainda fazendo no trem.

“- Realmente eles não limpam direito os vagões.”

Em Belsize Park um senhor de idade entrou no mesmo vagão que ele.

“- Bom dia frio.” Disse o senhor, ele se dirigiu para banco onde Tracy havia pego e largado o passe vencido.

“- Bom di..” Começou a responder mas não terminou. Pois o senhor pegou o passe, uma moeda de £ 2.00 pounds que estava no centro do banco e uma nota de £ 50.00 dobrada, ao lado do passe,

quase caindo do banco. Não acreditava que não havia visto aquilo.

Pensando na incredulidade, retirou rapidamente o PSP da mochila e o verificou se não estava estragado, mas para seu desapontamento, estava bem quebrado.

“- Vejo que você tem um desses brinquedos modernos.” Disse o velho puchando assunto.

“- É, mas está quebrado.” Respondeu Tracy mostrando o PSP para ele.

“- Que pena. Espero que consiga concertá-lo.”

“- Eu também. Estou indo no centro hoje justamente para ver isso ao invés de ficar no aconchego de minha casa no meu dia de folga. Talvez eu consiga que garantia pague isso pois não tenho a menor idéia de como quebrou.”

“- Olha, eu não entendo bem desses negócios de garantia, e de brinquedos modernos, mas acho que não cobre não.” Respondeu. Ele usava altas botas de couro preto, uma calça jeans velha, e um grande casaco marrom. Também velho pela aparência. “- Mas quem sabe com um pouco de sorte.”

“- Não acho que seja um dia muito bom para contar com sorte. Eu chequei todos os bancos duas vezes e não achei nada, apenas um passe vencido que o senhor está segurando.” Disse observando o velho brincar com o passe. O dinheiro havia colocado no bolso. Ele também vestia um par de luvas de lã grossa, daquelas que cobrem apenas as mãos, deixando os dedos à mostra e expostos ao frio.

“- Não sei como não ví o dinheiro.”

“- Acho que quando não se procura por nada específico fica difícil achar algo.” Disse o velho parecendo pensativo. “- Mas você achou o passe não. Foi um começo.”

“- Talvez não devesse ficar procurando coisas escondidas.” Continuou. “- Talvez devesse olhar mais pelo óbvio. Por exemplo, esse seu brinquedo, deve ter partido o LCD quando você o jogou sobre o cesto de roupa suja, deve ter caído com a tela sobre o botão de alguma calça e quebrado. Mas eu não entendo nada dessas coisas modernas. Talvez elas quebrem sozinho depois de algum tempo para que você compre outro.”

Tracy ficou pasmo. Como ele sabia que havia largado o PSP sobre o cesto de roupas. Agora fazia sentido o barulho “creck” que havia ouvido e que não tinha dado importância. Era naquela hora que o display tinha quebrado.

“- Senhores passageiros. Pedimos desculpa pelo incoveniente mas devido a uma falha de sinal na estação de Tottenham Court Road o nosso trem terá de esperar até ter a plataforma da próxima estação livre.” Disse uma voz feminina nos alto-falantes do vagão.

“- Isso vive acontecendo.” Disse o velho desviando o assunto e fazendo com que Tracy esquecesse sobre o que iria perguntar.

O trem estava parado no túnel a algumas dezenas de metros da estação.

“- Senhores passageiros. Agora temos sinal livre para continuar nossa viagem. Nos próximos minutos estaremos chegando a estação de Tottenham Court Road, a viagem deve prosseguir normalmente. Mais uma vez pedimos desculpas pelo incoveniente.” Disse a mesma voz feminina após 15 minutos de espera.

Quando o trem parou e abriu as portas, os dois passageiros desceram e seguiram com uma pequena multidão que se formava em direção a saída.

O velho ainda segurava o passe vencido.

“Não acredito que ele vai tentar passar este passe.” Pensou Tracy, tomando cuidado para não dizê-lo em voz alta.

Tracy passou pela catraca sem problemas. O display indicou que o passe semanal iria vencer em dois dias. Logo em seguida o velho tentou passar. Mas como esperado, a catraca não liberou passagem. Tracy resolveu esperar para ver o que aconteceria. Um fiscal veio prontamente verificar o problema que estava ocorrendo com aquele cliente. Os funcionários do metrô eram em sua maioria educados e prestativos.

“- Em que posso ajudá-lo?” Perguntou o fiscal.

“- É meu passe. Não sei o que houve.” Respondeu o velho.

“- Deixe-me vê-lo, por favor.” Disse o fiscal pegando o passe vencido das mãos do senhor, checando e para total incredulidade de Tracy, liberando a catraca em seguida.

“- Desculpe o inconveniente.” Disse o fiscal entregando o passe de volta.

Mais uma vez ele checkou o PSP, mas este continuava estragado.

“- Acho que aqui a gente se separa.” Disse o velho quando chegaram na rua. “- Tome, não vou mais precisar desse aqui.” Continuou entregando o passe para Tracy. Ele o pegou e checkou, a data era a do dia.

Será que além de não ter visto o dinheiro também tinha visto a data errada no passe? Não. O velho devia ter trocado o passe durante a viagem ou na saída do trem. “Mas e o dinheiro?” Continuava se perguntando. Talvez o próprio velho o tivesse soltado no banco de forma discreta antes de sentar.

Quando tirou os olhos do papel e foi agradecer o velho, ele já não estava mais lá. Apenas dezenas e centenas de pessoas andando de um lado para outro.

Nesse momento também lembrou que o velho havia mencionado LCD, “Como ele sabia disso se vivia afirmando não conhecer as coisas modernas?” “Como sabia onde o PSP tinha quebrado?” Perguntas sem respostas e sem sentido inundavam a cabeça de Tracy.

Olhou no relógio, eram quase 11 horas. O dia já havia nascido, mas não havia sinal de sol no céu nublado. Era hora de parar de pensar em coisas sem sentidos e inventar uma história para convencer o atendente da Game a concertar o PSP pela garantia.

Em algum lugar : Em tempo algum

Estava tudo escuro, por quanto tempo fiquei ali? Nua, desprotegida.

Eu não sentia frio. Não sentia calor. Meu corpo era calor. Luz emanava dele, mas nenhuma luz se via na total escuridão.

Por um momento pensei ter visto Caroline.

“- Ainda não é hora de nos rever-mos meu amor.” Ela me disse. Ou eu sonhei com isso? Acho que é isso, é tudo um sonho, um sonho onde as coisas se tornam reais conforme as desejamos. E eu tinha desejado vê-la dinovo.

“- Está na hora de despertar.” Disse a voz. Mas não tinha ninguém lá. Olhei em volta, nada. Se não havia ninguém lá fora...

Então olhei pra dentro. Uma luz forte me cegou. Quando fechei meus olhos de pálpebras invisíveis eu a ví. Tive certeza de que era ela.

“- Está tudo bem.” Ela disse. “- Venha, deixe-nos cuidar de você.” Eu ouvia sua voz, mas não era mais ela que falava. Eu abri meus olhos. Estava escuro novamente, mas dessa vez não estava sozinha. Dois anjos me acomapanhavam. Corpo nú. Eu os observei, um era loiro, outro ruivo. O rosto não tinha um padrão definido, hora parecia rosto de mulher, hora de homem. Olhei em seus peitos, eram homens, esse foi meu pensamento. Mas quando desci mais ao analisar seus corpos, ví que não tinham órgão sexual, eram lisos.

Eram anjos, eles não precisavam disso. Suas asas de luz pura tinham formas de plumas brancas.

“- Desperte.” Disse o loiro sem abrir a boca. Eu sabia que era ele quem falava, de alguma forma, eu sempre soube.

“- Alguém está indo te encontrar.” Falou o ruivo.

“- Ele será seu guia.” Continuou o loiro.

“- Lhe ensinará o que precisar saber.” Eles falavam em minha mente, não, em meu coração, minha alma, alternadamente.

“- Você o chamará de mestre.”

“- E ele a fará uma valorosa discípula.”

“- Mas você deve ser persistente.”

“- Grandes provações virão.”

“- Dúvida e medo se abaterão sobre sua alma tal como onda contra o grande rochedo.”

“- Mas o rochedo persiste desde a Criação.”

“- Tal como sua alma.”

“- Acorde criança.” Disseram juntos “- As dúvidas acabaram.”

Finalmente abri meus olhos. Luz, não a luz do dia, mas a da aurora sem fim. Uma luz pura, sem sol. Uma luz que emana das coisas vivas. Lembro bem, a primeira coisa que ví. Uma grande árvore de folhas verdes. Galhos de um marrom claro. Canários cantavam em meio a seus ramos.

Levantei e vi que estava no meio de um bosque. Tudo era lindo, árvores, flores, todas perfeitas. Aos pés daquela grande árvore uma fonte jorrava água cristalina. Apesar de não sentir sede eu bebi daquela água. Nunca um gole me satisfez tanto. Meus cabelos lisos estavam em seu preto perfeito. Como eram em minha adolescência antes de me perder. Meu corpo, como se eu tivesse 17 anos, seios médios, minha barriga fina, sem gordura acumulada. Minha vagina totalmente raspada, como

a de uma criança, era virgem novamente. Minha bunda também de tamanho médio sem estrias, sem celulite. Coxas grossas, mas não gordas, tocavam de leve uma na outra quando eu andava. Logo saí do bosque. Ví um imenso jardim, as flores ainda mais belas do que aquelas que havia visto debaixo das árvores.

Flores mais belas umas que as outras, de forma que se eu voltasse a olhar para a primeira, esta seria ainda mais bela. A luz que vinha do céu iluminava meu corpo nú. Eu estava como sempre sonhei ser. Nenhum pelo sequer. As unhas das mãos ligeiramente grandes, as dos pés, curtas. Reparei que a cicatriz que tinha no dedão do pé esquerdo havia sumido.

Comecei a andar pelo jardim, não me importando se estava nua ou não. Naquele lugar perfeito, não poderia haver pecado. Além do jardim se estendiam grandes pastagens verdes, além colinas e montes no limite da visão.

Núvens brancas pontilhavam o céu, fazendo sombra de vez em quando. Foi do meio de uma dessas núvens que o ví surgir. Um anjo de asas emplumadas brancas, tais como as próprias núvens.

Ele vestia uma calça preta, camisa azul marinho, um manta azul caía de seus ombros. Suavemente ele pousou a minha frente.

“- Vejo que já saiu do bosque.” Disse ele. Tinha cabelos ruivos compridos, feições européias, mas eu entendia perfeitamente o que dizia. “- Me chamo Harold.” E estendeu sua mão para mim. “- Prazer em conhecê-la..”

“- Camila.” Completei sua frase. Não sei porque, de repente senti vontade de ter esse nome. “- Não é sempre que se vê um anjo vestido.” Continuei, puchando algum assunto.

“- Você se abituará a ver.” Disse após dar uma pequena risada sobre minha observação. “- Veja Camila que já se chamou Liliam.” Ele sabia meu nome antes de morrer. “- Aqui é o jardim pureza, e aquele foi o bosque do despertar. Os campos que vês pertencem ao Edem, ao paraíso. Que é a morada dos celestiais, ou como você mencionou, Anjos, apesar de haverem suas diferenças.”

“- Então todos os .. celestiais .., como você diz, despertam aqui.” Respondi escolhendo bem as palavras.

“- Não.” Respondeu ele. “- Esse jardim e o bosque tem esse nome porque assim você o quer. Da mesma forma que agora se chama Camila.”

“- Outros celestiais não conhecem seu antigo nome, apenas eu.” Continuou após uma pausa. “- E só irão conhecer o seu novo nome aqueles a quem você o falar.”

“- Veja dessa forma. Os campos lá fora pertencem ao Edem. Mas este jardim não, ao menos não diretamente. Este jardim é seu, assim como o bosque, e você sim pertence ao Edem.”

“- Ninguém mais pode vir aqui. Eu mesmo só achei este lugar pois foi me dito onde era sua localização, em sonho, assim como ocorreu com você antes de abrir os olhos.”

“- Mas ao sair daqui, a não ser que você volte aqui comigo, eu não mais acharei esse lugar, só você.”

“- Mas chega de falatório.” Disse ele virando-se para o lado e apontando a mão, com a palma estendida pra frente na direção do jardim. “- Vamos para minha casa, lá você poderá se vestir de acordo com seu gosto, descansar e eu poderei lhe dar mais explicações.

Assim que ele terminou de falar o ar no meio das flores começou a ondular. Ele fez uma mensura e pediu que o precedisse. Aceitando o convite, eu atravessei o portal.

Londres : Começo de 2008

Apesar do frio e da neve que tinha voltado a cair, fraca, mas constantemente. Havia muitas pessoas caminhando no centro perto do meio-dia. Pessoas andando apressadas, certamente atrasados ou quase para algum compromisso. Alguns andando lentamente olhando as vitrines de mãos dadas com sua parceira. Muitas carregando bolsas das mais variadas lojas, Dorothy Perkins, Next, Primark, a loja popular de preços realmente baixos.

Numa pequena rua, a Perry's Pl, duas garotas, adolescentes pela aparência se beijavam carinhosa, mas apaixonadamente. Tracy ficou admirando as duas por algum tempo, sempre teve a tara de transar com duas lesbicas, não aquelas sapatonas, mas aquelas realmente sexy. Notou que havia uma bolsa da Harmony aos pés entrelaçados delas. Uma loja especializada em artigos eróticos, como fantasias e acessórios.

O próprio Tracy já havia ido numa delas para comprar vídeos pornográficos e tinha ficado excitado ao ver as fantasias feminias.

“- Parece que alguém vai ter um noite maravilhosa.” Disse ele sem perceber que era em vós alta. As garotas deram uma risada de vergonha e voltaram a se beijar.

Ele havia passado na Game. Mas o atendente disse que a garantia não iria cobrir. Deu o endereço da especializada da Game para que o aparelho fosse concertado. Ficava na Goodge Street. Não valia a pena ir de trem.

Ao menos aproveitara a viagem, só lamentou não ter levado uma máquina fotográfica para bater umas fotos ou filmar as duas garotas se beijando. Teria que se masturbar só pela lembrança.

Não teve dificuldades de achar a loja. Entrou, ar condicionado. Não havia ninguém ali. Ficou esperando.

Enquanto olhava por tudo sem procurar nada de especial lembrou das palavras do velho do metrô. Procure por coisas mais óbvias, e enquanto pensava nisso e olhava pela porta de vidro, achou tê-lo visto passar.

“- Bom dia. Em que posso ajudá-lo?” Disse o atendente no momento que Tracy estava pensando em seguir o velho.

“- Ah, sim.” Respondeu atrapalhado. “- Bem, o meu PSP quebrou, não tenho a menor idéia de como. Eu o usei ontem, guardei ele na gaveta, quando fui pegar hoje estava com a tela danificada.” A mesma história que havia dito na Game.

“- Posso vê-lo?” Perguntou o rapaz.

“- Eu sei que a garantia não cobre, eu quero saber o preço e o tempo que leva pra arrumar.”

“- A garantia não vai cobrir isso.” Disse o atendente ignorando completamente o que tinha ouvido enquanto pegava o video game. Se Tracy tivesse dito que a Madona havia enfiado ele na buceta ou que um Hamilton havia esfregado o pau nele e depois chupado ele não teria dado mínima atenção.

“- Se você olhar aqui, vai ver um ponto de pressão. O que demonstra que o aparelho foi quebrado devido a uma força externa.” Continuou.

“- Eu já sei disso. Mesmo que a Madona tivesse enfiado no cú isso não quebraria.” Disse em voz

alta.

“- Como?” Perguntou o atendente.

“- Nada não.” Respondeu Tracy ao perceber o erro. “- Quanto custa para arrumar?”

“- Em torno de £ 70,00 pounds. Semana que vem o técnico aparece aqui para pegar os equipamentos, e na semana depois, devolve se tiver a peça.”

“- Vai ser difícil, pois é um aparelho novo. Achar display para isso pode demorar um pouco mais.” O rapaz continuou com a explicação se perguntando o que o cú da Madona tinha a ver com a história. “- E você tem que deixar um depósito de £ 20,00.” Complementou.

Tracy deixou a loja pensando nas duas semanas que ficaria sem jogar. Quando estava para entrar na estação de Goodge Street teve a idéia de refazer o caminho, e se encontrasse as duas garotas, pedir o número delas se oferecendo caso elas quisessem um pau quente e de verdade na festa delas.

A neve estava piorando no começo da tarde. Elas não estavam mais lá. Já tinham saído. Resolveu ir embora.

No caminho até a estação de Tottenham C. Rd as viu, do outro lado da rua, olhando uma vitrine, mas perdeu toda a coragem que tinha quando teve a idéia e apenas seguiu para casa.

Na entrada da estação estavam entregando jornais. Praticamente enfiaram um na cara de Tracy que o pegou automaticamente. Nenhuma palavra, nem mesmo obrigado foi trocado entre os dois. Passou o Oyster pelo leitor e atravessou a catraca. Só então lembrou do passe diário que o velho havia lhe dado.

No final se deu conta que não havia diferença. Ele usava passe semanal, não iria pagar a mais de qualquer jeito. Deu uma olhada novamente, confirmando que era válido e o deixou cair no chão. Se alguém procurar por um passe do dia, vai achar.

A viagem de volta fora cansativa. Havia algumas pessoas no vagão, mas nem metade dos bancos estava preenchido.

Uma das pessoas ficava brincando com um maço de cartas. Jogando-as de uma mão a outra, sempre tirando uma carta e guardando-a no bolso.

Tracy deu uma rápida folheada pelo jornal, nenhuma notícia interessante. A única que chamou a atenção foi a de um indivíduo morto na Salters' Hall Ct. Mas a notícia apenas dizia que havia morrido com uma facada, provavelmente fruto de uma briga, pois ele próprio segurava a faca e pedia que qualquer um que tivesse informação sobre o ocorrido que entrasse em contato com a polícia.

Assim que terminou de ler a notícia o sujeito com as cartas deixou o trem, na estação de Belsize Park.

Tracy apenas recostou a cabeça contra o vidro lateral e se deixou adormecer. A última parada seria Brunt Oak devido a reformas no caminho até Edgware. Não teria risco de passar do ponto.

Edem : Em algum momento

A luz das velas me ofuscaram por um momento. A sala era de madeira, com uma grossa coluna feita com o tronco nú de uma árvore no centro. Três velas circundavam a coluna. E 5 em cada uma das paredes, mais duas do lado de cada uma das 3 portas. Uma delas estava aberta, a claridade indicava que mais velas estavam acesas naquele corredor.

“- Bem vinda a minha humilde casa.” Disse Harold assim que atravessou o portal, esticando a mão com a palma voltada para o portal e a fechando em seguida, fechando também a porta mágica.

“- Se você seguir por aquele corredor verá haverá 3 portas, uma de cada lado e uma ao fundo.” Explicava ele. “- Cada qual leva a um quarto. Você pode escolher uma das duas laterais, a que mais lhe agrada. Mas a do fundo não. Aquele quarto me pertence, e não permito a entrada de mais ninguém.”

“- Obrigada.” Respondi enquanto me dirigia para o corredor. “- Pode deixar que não vou bisbilhotar o seu quarto.

Assim que entrei no corredor ví que a porta do terceiro quarto estava aberta, permitindo que a claridade iluminasse um pouco e eu pudesse ver o tapete vermelho logo atrás do alcance da porta.

“Não vou cair nesse teste.” Abri a porta da esquerda, O quarto era grande para a cama de solteiro e o guarda roupa que o ocupava. Grande não era bem a palavra, ele era espaçoso. Resolvi dar uma olhada no outro quarto, era um pouco maior, tinha uma cama de casal, e outro guarda roupa. Fiquei com o quarto menor com cama de solteiro.

Abrei o guarda roupa, havia um boa variedade de roupas. Escolhi uma saia que ia até um pouco acima dos joelhos. Uma camisa de manga comprida branca com estampa do Iron Maden.

“- Vestuário estranho para um anjo.” Disse rindo enquanto provava outras roupas antes de ficar com as que tinha escolhido primeiro. Notei que não haviam roupas de baixo. “Acho que não vai ser problema.”

O quarto era aconchegante. Um criado-mudo com uma vela acesa ao lado da cama. A janela estava aberta. Ao olhar pela janela pude ver que a casa se localizava num campo, com casas ao alcance da vista, visíveis apenas por conta das lamparinas acesas ao lado de fora. Devia haver mais casas que não era possível ver na escuridão da noite avançava.

“- Que estranho. Achei que estava apenas amanhecendo quando abri os olhos.”

Quando voltei para a sala ele estava sentado numa poltrona velha, mas conservada. Já não tinha mais asas. Não fosse pela própria aura angelical que emanava, dava para confundí-lo com um humano.

“- Sente-se.” Ele disse assim que me viu. “- Só pesso não o faça na minha frente, ou se o fizer que tome cuidado. Sei que não há roupas de baixo.”

“- Como não sabia como você era não pude providenciar tudo. Peço que me desculpe.”

“- Você podia ter comprado de diferentes tamanhos e modelos como fez com as roupas.” Respondi com bom humor. De fato não ligava para aquilo. Mas como respeito seitei numa cadeira não totalmente de frente a ele.

“- Confesso que não pensei nessa possibilidade. Amanhã providenciaremos isso.” Se desculpava atoa, chegava a ser bonitinho. Parece que estava um pouco encabulado por ter uma discípula. Ou talvez fosse por ter me visto nua.

“- Antes de começarmos. Você tem alguma pergunta?”

“- Sim. Porque as roupas e tudo mais. Isso não é o paraíso?”

“- Sim, é o paraíso.” Respondeu. “- Ao menos de certa forma. Os humanos tem uma concepção muito errada de como é o paraíso. Para nós, celestiais, esta não é a morada final. Muitas almas, que aqui são apenas espíritos que vem para o Edem respousar. Estes não lutarão contra o mal.”

“- Estas pessoas vivem no Edem em vilas que represantam sua própria concepção de paraíso. Algumas em vilas rústicas, como esta, outras em vilas high-tec. E você entenderá que o nudismo não faz parte do senso de perfeição desses espíritos.”

“- Eles inventaram as roupas para vesti-las. E gostam de fazê-lo. Sentem prazer em trocar de roupas e tomar banho mesmo não sendo necessário.”

“- Algo mais?”

“- Sim.” Respondi. “- O que houve com suas asas e quem eram aqueles que ví em sonho? Se bem me lembro, você disse que tinha sido avisado em sonho onde me encontrar, seriam os mesmos seres?”

“- Você tem bastante perguntas para uma só.” Disse ele rindo. “- Mas tudo bem, sua curiosidade é natural. Achei estranho não me bombardear de perguntas assim que estivesse vestida, ou até mesmo antes. Eu mesmo não sosseguei e não me vesti antes de meu mestre ter me explicado tudo o que eu desejava saber.”

“- As asas, elas fazem parte de nossa forma celestial. Com isso podemos usar nossos maiores poderes. Particularmente nós, Sancti, o Cléro do qual você também faz parte, possui o poder da cura. A cura perfeita, podemos reparar as asas arrancadas dos celestiais, que não pode ser feito de outra forma. Em último caso, podemos ressucitar os mortos.”

“- Com as asas também podemos voar.” Ele continuou a explicação paciente. “- Por isso as tinha quando a encontrei no jardim. Mas agora já não há necessidade. E usá-las aqui dentro, é um tanto incoviniente.”

“- Já aqueles que você encontrou em sonho, que eu também encontrei quando renasci aqui, e que várias vezes me visitaram, são chamados de guardiões. Não são celestiais. Não podemos nos tornar o que eles são, e eles não podem fazer nada em nosso lugar.”

“- Acredito que seja uma ligação entre o Criador e nós. Para que tenhamos um rumo. Para fazer as coisas corretamente. Eles não são necessariamente os mesmos que me visitaram. Parece que para cada assunto, há uma dupla diferente.”

A noite passou e já estava quase amanhecendo quando ele parou de me explicar sobre as regras e costumes.

“- Uma última pergunta.” Disse quando estava indo para meu quarto. “- No jardim, você disse que o

bosque se chamava Bosque do Despertar. Porque?”

“- Por que agora você está desperta. Para você, quando retornar lá, será como um Bosque do Repouso, mas pode vir a se tornar do Despertar novamente, caso haja necessidade. Agora vamos dormir.” Dito isso ele entrou em seu quarto e fechou a porta. As velas da casa estavam acesas. Por algum motivo me senti obrigada a apagá-las. Voltei a sala e comecei a apagar uma por uma com um leve sopro.

Aproveitei a oportunidade para explorar as outras duas portas. Uma delas estava trancada. A outra dava para a rua. Estrelas pontilhavam o céu. Ao longe podia ver algo parecido com uma vila, ou talvez o começo de uma cidade. Uma brisa suave balançava meus cabelos. O ar estava agradavelmete fresco.

Apaguei o lampião e voltei para o quarto, baixei a tranca de madeira, por costume de trancar apenas. Pois duvidava que Harold fosse fazer qualquer coisa. Apaguei as velas das paredes, deixando apenas a do lado da cama acesa. Tirei minhas roupas, ficando nua e deitando apenas sob o lençol fino. Apaguei a ultima vela. A luz pálida da aurora entrava pela janela aberta.

Londres : Meio de 2007

Eram apenas 8 horas da manhã e o sol já havia nascido a bastante tempo. Tinha sido demitido do último emprego, pego muita chuva, passado frio, sido expulso do ônibus muito longe do seu destino, matado um mendigo, corrido por vários quilômetros, coisa que ainda duvidava que fosse capaz de fazer e quando finalmente chegou, exausto no restaurante que trabalhava. O seu supervisor, que tinha a habilidade de aparecer nos momentos mais impróprios, para desgosto de Saitou, o estava esperando.

Ele não falou nada quando Saitou entrou atrasado. “Muito estranho.” Ficou pensando. Assim que terminou o trabalho, que foi obrigado a ficar mais tempo devido ao atraso, fora demitido.

O que o ele não sabia era que seria demitido assim que entrasse no restaurante. Não precisaria trabalhar. Mas como chegou atrasado, o supervisor havia “esquecido” desse detalhe até cumprir as 6 horas totais de trabalho.

Para total expanto de Saitou, quando ele tentou, inutilmente passar o Oyster na catraca da estação de metrô. Essa liberou passagem informando que ainda havia £ 5.30 pounds de saldo.

Agora estava no centro novamente. Dessa vez para uma entrevista de emprego, novamente para um trabalho de madrugada.

“- Me acompanhe por favor.” Disse o homem que iria conduzir a entrevista.

Eles se dirigiram para uma sala ampla, porém vazia, com apenas uma mesa alguns documentos e três cadeiras.

“- Sente-se.” Disse novamente. “- Muito bem..”

“- Saitou Makoto”. Respondeu Saitou percebendo a deixa para dizer seu nome.

“- O trabalho é das 3 horas até as 6. Uma folga por semana e você ganhará £ 225,00 pounds por semana.” Começou a explicar. “- Mas o pagamento é feito apenas a cada quinzena, ou seja, sempre a cada duas sexta-feiras. Tudo bem pra você.”

Saitou apenas balançou a cabeça afirmativamente.

“- Há algum problema em começar hoje? Nós estamos realmente precisando.” Ele não imaginava que seria tão fácil. O último emprego tinha sido tão difícil, entrevista atrás de entrevista, e um teste no qual havia se dedicado para poder vencer outras pessoas, e ali foi tão fácil.

“Finalmente a sorte está virando.” Ficou pensando consigo.

“- Não, não há problema nenhum.” Respondeu prontamente. O ânimo lhe votara finalmente. “- As 3 horas certo. Entro pela cozinha mesmo?”

“- Sim, todo mundo entra por ali.”

“- As três horas estarei aqui então.”

Se despediram e Saitou foi pra casa, teria de dormir para poder trabalhar a noite sem problema.

* * *

Quando chegou novamente no Cipriani uma hora antes do combinado. Comprimntou o pessoal e apenas aguardou.

As três, quando havia apenas um rapaz, que limpava a cozinha, o resto do pessoal começou a chegar.

Primeiro um cara de cabelo curto e preto, que apenas comprimento por cima os dois e seguiu caminho.

Depois um de cabelos compridos, preso num rabo de cavalo, também comprimntou os dois e subiu pro andar de cima. Mas este parecia mais animado.

Por último, meia hora atrasado, um cara alto de cabelo loiro comprido. Este falou com o rapaz que limpava a cozinha num idioma estrangeiro e veio falar com Saitou.

“- Então, é você que começa hoje?” Perguntou.

“- Sim.” Respondeu Saitou.

“- Tá servido?” Perguntou novamente mostrando uma travessa de risoto.

“- Não obrigado.” Havia comido bastante antes de ir trabalhar. Pois estava acostumado a não receber comida durante o horário de trabalho.

“- Vem, me segue.” Disse o rapaz pegando a travessa e levando consigo. Subiram por uma escada cheias de sacolas de pano contendo roupas e toalhas de mesa sujas. “- A propósito, meu nome é Mateus. E você?”

“- Saitou Makoto.”

“- Legal. Sabe se os outros dois já chegaram?” “- É, já.” Disse respondendo a própria pergunta. Ao vê-los próximo a máquina de café. Eles também conversavam num idioma estranho.”

“- Esses viados são Pawel e Piotr.” Apresentou. “- São poloneses. Como metade do restaurante. A outra metade são brasileiros, e eu desconfio que exista uma infima parte que não pertença a nenhuma das metades.”

O trabalho era muito mais fácil do que o anterior. Limpar 3 banheiros, e um andar, sendo que a tarefa era dividida entre os 4, e só podia começar a mecher nas mesas depois da 6:30, pois em cima do restaurante, eram apartamentos residenciais.

Durante a maior parte do tempo ficaram apenas conversando e comendo.

As 6:50 começaram a mecher nas mesas. A partir desse ponto não pararam mais, porém, fizeram o serviço bem devagar.

“- Supervisores, chefes de cozinha e gerentes começam a chegar nessa hora. Eles têm que ver a gente trabalhando.” Explicavam eles.

Quando estava perto do horário de terminar. Apesar de não ter mais nada pra fazer e de apenas ficar limpando o que já estava limpo. Saitou viu passar pela rua uma pessoa usando um casaco velho e

pesado. Um típico casaco de inverno, em pleno verão.

“Eu já vi isso em algum lugar.” Ficou pensando. E logo começou a se lembrar do dia em que fora despedido, da noite que tinha sido atacado e matara o mendigo.

Londres : Começo de 2008

Um mês havia se passado desde que levara o PSP para a autorizada. O rapaz da loja tinha ligado e dito que o equipamento já estava concertado. Porém Tracy não estava com a mínima vontade de sair de casa. Estava fazendo muito frio ultimamente, mas decidiu que ainda naquela tarde iria ao centro.

Fazia isso todos os dias da semana, tomando coragem quando lembrava da surpresa que tinha tido. Havia gozado inúmeras vezes pensando nas duas garotas. E tinha ainda mais o fato intrigante do velho do metrô. Mas perdia totalmente a vontade quando abria a porta e recebia a rajada de vento frio.

Preferia ficar em sua confortável casa. Não era grande, dois quartos, um banheiro com uma banheira grande, uma cozinha e uma pequena sala com uma estante contendo alguns livros. Tracy morava sozinho, mas nunca tinha se sentido solitário.

Já havia contratado serviços de acompanhantes para satisfazer sua necessidade sexual. Mas isso tinha o inconveniente de ir para um hotel. Não confiava a ponto de levá-las em sua casa.

Olhou novamente na geladeira, estava com pouca coisa, nada que lhe desse vontade de comer. Olhando nas despensas também não achou muita coisa. Definitivamente tinha que sair de casa. Trocou de roupa colocando um casaco pesado que havia comprado 3 semanas atrás na Primark. Pegou a câmera digital e saiu de casa. Decidiu pensar no frio quando estivesse na metade do caminho até a estação. O que seriam bons 10 minutos.

Quando olhou no relógio já havia transcorrido 7 minutos. Ótimo, havia poupado 3 minutos do tempo habitual. Andava rápido, para chegar o mais rápido possível na estação. Mas não ousava correr, pois isso esquentaria muito seu corpo e ele teria que repousar e recuperar o fôlego no frio se o trem não viesse rápido.

13 minutos, estava quase chegando, a estação já estava a vista. Então se lembrou de pegar o Oyster. “- Será que volto para pegar?” Disse pra si mesmo. Quando começou a pensar que teria de voltar pra casa, entrar num ambiente quente e sair para a rua, passou a sentir frio. Coisa que não havia lhe ocorrido durante o trajeto.

“- Pensar no óbvio.” Era isso que o velho havia lhe ensinado. “- Concerteza acharei um passe válido no chão.” E com resolução continuou. Correndo do frio que não desgrudava dele. Não ficou procurando pelo chão para ver se via algum passe, pois havia alguns, e ficar catando papel do chão no meio daquele vento gelado não era algo que achasse conveniente. Ao invés disso apenas se abaixou, pegando um passe qualquer e o passou pela catraca, liberando a passagem. Um fiscal ficou olhando atravessado para Tracy, mas ele não reparou.

“- Haha. Funciona.” Gritou no meio da estação deserta.

“- Talvez..” Começou a dizer entrando no trem que acabara de parar. “- Talvez se eu pensar em encontrar aquelas garotas do outro dia. Eu encontre ao menos uma delas.” Escolheu um banco do vagão vazio e começou a pensar nelas.

“- Eu vou encontrar, eu vou encontrar..” Ficou repetindo a viagem toda.

* * *

“- This station is Tottenham Court Road.” Disse a voz feminina eletrônica. “- Change here for the Central Line. This is a Northern Line Train to South Wimbledon.”¹

Tracy levou um susto ao ver que as portas estavam fechando, tentou correr mas deu de cara com o vidro.

O trem começara a andar, tarde demais, havia passado duas estações do ponto que queria descer. Quando o trem parou em Leicester Square Tracy se dirigiu para a saída, ao invés de pegar a linha no sentido oposto.

“- O mundo já acabou.” Dizia um velho no meio da calçada. “- A batalha do apocalipse já terminou, somos apenas os sobreviventes do cataclisma.”

“- Tem cada um que aparece por aqui.” Disse Tracy falando sozinho sem reparar todos que passavam por ele enquanto falava e dirigiam mais olhares de desaprovação do que para o velho mendigo.

“- Olhem as guerras de hoje. É o mal fazendo o que bem entende. Pois o Senhor foi derrotado.”

As palavras do velho se perdiam no ar. Tracy as ignorava, tendo voltado a pensar nas duas garotas. Havia sonhado com elas nos últimos dias. Certamente era um sinal.

Começou a andar na Charing Cross Road. Seria uma longa caminhada. O vento frio soprava pela longa avenida. Ônibus passavam ao seu lado, vermelhos, com dois andares. Mas não teve interesse. Estava começando a gostar de andar.

Naquele dia que conhecera o velho, havia escrito um pequeno diário, sobre o que havia ocorrido. E para sua surpresa, e satisfação. Quando o releu, não conseguiu achar outra forma de reescrevê-lo. O que ele tomava por verdade não poderia ser mudado, não importava o que qualquer um dissesse, o que ele viu, foi verdadeiro.

Um sol fraco apareceu por meio das nuvens sempre presentes na capital britânica. Não aqueceu nada, a luz foi indiferente, logo desapareceu no céu nublado.

Enquanto andava olhando pra cima, vendo as nuvens negras que começavam a aparecer, acabou esbarrando numa pessoa. Tinha cabelos vermelhos vivos, apesar do porte japonês.

“- Gomenasai.”² Falou o homem sem olhar o que havia ocorrido, não se importando se teria derrubado ou não uma senhora de idade.

“-You're Wellcome.”³ Respondeu Tracy dando pouco caso ao esbarrão e continuando seu caminho.

Meia hora depois passava pelo lado do Centre Point, um dos maiores prédios londrinos, e atravessava a rua. Mais um pouco e finalmente chegaria na loja.

Enquanto caminhava pela Tottenham reparava na quantidade de lojas de computadores que havia

1 “- Esta estação é Tottenham Court Road.”

“- Troque aqui para a Central Line.”

“- Este é um trem da Northern Line com destino a South Wimbledon.”(tradução)

2 “- Desculpe.” (tradução do japonês)

3 “- De nada”. (tradução)

por ali, uma do lado da outra. As vezes duas lojas da mesma rede a poucos metros de distância.

Talvez desse uma olhada depois, afinal não tinha computador em casa desde que seu último notebook havia quebrado a tecla “tab”. Não que ele precisasse da tecla, mas o fato de ter quebrado significava que era velho, o que era igual a lixo. Como muitas pessoas, apenas o colocou perto da lata de lixo próxima a sua casa.

Na loja pagou os £ 50,00 pounds restantes. O rapaz que o atendeu o ligou na frente de Tracy demonstrando que estava em perfeito funcionamento.

“- Obrigado.” Disse ao receber o PSP de volta. Finalmente poderia voltar a jogar, mas havia perdido um pouco do seu interesse por jogos.

Começou a andar sem rumo na direção de Oxford Street. Procurando pelas garotas do mês passado. “- Ao menos uma.” Repetia sem ninguém para ouvir. Mas quando chegou na rua principal. Resolveu deixar de procurar e voltar pra casa. O vento estava cada vez mais frio e o céu ameaçava chuva.

Correu na direção da estação que não estava longe dali. Porém, antes de chegar na estação. Parou e pegou um panfleto numa cabine telefônica.

Já no trem resolveu olhar o panfleto que tinha pego.

“Mulheres inglesas e esocessas que fazem tudo.” Dizia o anúncio com uma mulher européia de cabelos negros nua, mas com estrelas tapando as áreas pornográficas. Em baixo havia o número para discar.

“Talves eu ligue essa semana.” Pensou, tendo o cuidado de não falar. Já havia pego desses panfletos antes, duas vezes de chinesa e uma de brasileira. Todas as vezes tinha tido um bom serviço. Elas realmente topavam quase tudo. Mas sempre jogava o panfleto fora depois de se satisfazer pois achava que manter aquele tipo de conteúdo em sua casa era anormal.

“- Você pega, liga, fode e joga fora.” Dizia ele. “- Se quiser mais, pegue outro panfleto. É por isso que eles distribuem isso todos os dias.”

Tracy logo adormeceu e não reparou que na estação seguinte um senhor vestindo um casaco marrom velho com botas pretas e calça jeans também velha havia entrado junto com o mendigo que gritava sobre o apocalipse em Leiceste Square.

Os dois ficaram conversando em sussuros audíveis para quem prestasse atenção a viagem toda. Desembarcando em Burnt Oak. Antes de sair do trem, o senhor de botas pretas olhou para Tracy adormecido com um grande sorriso amarelo estampado no rosto.

“- Já está na hora de acordar.” Disse assim que pisou na plataforma. Tracy acordou logo em seguida, com o trem fechando a porta e saindo. Pela segunda vez naquele dia, havia passado direto do ponto.

Edem : ---

Já fazem alguns meses que estou no paraíso. Logo no primeiro dia arranjamos mais roupas para mim e alguns móveis para o meu quarto.

Desde então tenho estado sob constante aprendizado. Logo que aprendi o básico, comecei a fazer pequenos serviços para meu tutor. Coisas como entrega de mensagens e marcar encontros com outros anjos poderosos.

Em um dado momento eu o acompanhei até a cidade de Prístina, para um encontro com a Cúpula dos Sancti, o cléro a que faço parte.

Pristina é uma cidade gigantesca. Esta contruída em volta de uma outra cidade, que tem a forma de uma gigantesca torre. Os mais variados estilos arquitetônicos podem ser encontrados em Prístina. Desde castelos fortificados a palácios esplendorosos, arquitetura greco-romana aos prédios góticos da idade média, e por fim, os mais recentes, arquitetura moderna, com altos e magníficos prédios.

Naquele dia o acompanhei até um magnífico castelo. Apesar de todo o expendor que era a construção como um todo, se fosse analisado peça por peça, o castelo não passaria de uma fortaleza simples, com coisas simples nela. São os espíritos e celestias que habitam o lugar que o tornaram tão magestoso.

Eu fiquei no salão principal e não pude ver muito, pois meu mestre tinha urgência mas não sabia em quanto tempo estaria livre para fazer outras obrigações, de forma que eu não poderia ficar explorando o castelo.

Ele estava tenso na ocasião, e no dia seguinte havia ido para terra. Me incumbiu de cuidar da casa e de praticar minhas habilidades. E reafirmou que eu não poderia entrar em seu quarto. Que a casa devia ser destruída antes que qualquer estranho chegasse nele.

Isso me deixou com muitas dúvidas, e fiquei insegura com relação a ele. Mas cumpri o que me foi ordenado.

Um mês depois ele retornou ferido. Era noite, e estava frio na Acácia, a região do Edem onde vivemos. Eu cuidei de seus ferimentos mesmo ele dizendo o tempo todo que não era necessário, mas agradeceu a ajuda de qualquer forma.

“- Chegou a hora das asas se estenderem.” Disse-me um guardião no sonho daquela noite.

“- Quando o tempo chegar vá até Prístima.” Como da primeira vez, era dois, estavam nós e se alternavam ao falar.

“- Vá até a torre.” Os dois eram loiros, pareciam gêmeos. Mas cada qual tinha olhos diferentes.

“- Um amigo inesperado lhe acolherá na Cidade das Núvens.” O primeiro de olhos azuis era calmo e tranquilo.

“- Faça como ele lhe disser.” O segundo, de olhos verdes, era resoluto e aparentava superioridade.

“- Quando o tempo chegar.” Terminaram juntos os dois guardiões.

O resto de minha noite fora tranquilo. Comecei a contar sobre o sonho para Harold, mas ele me disse que não o compartilha e não ser com quem os guardiões indicassem. Então me calei.

* * *

Eu estava cansada, voltando de Libertatis após levar uma mensagem de meu mestre a um Querubim que lá reside.

Estava vindo pelo norte de Acácia quando avistei meu jardim. Lembrei das palavras de Harold quando me disse que o bosque se chamaria Bosque do Repouso. Bem, repouso era o que estava precisando.

Já era entardecer, notei assim que pousei no jardim que o tempo havia se igualado ao do resto do Edem. Caminhei um pouco pelo jardim e entrei no bosque. Pela única trilha que havia nele, o mesmo caminho que eu tinha feito quando saí, apesar de não lembrar de tal trilha existir na época.

Fui até a fonte e tomei um gole da água restauradora. Após alguns segundos desfrutando da pureza da água resolvi seguir o córrego.

Ele adentrava no meio das árvores, o caminho era fechado, mas não difícil. O pequeno córrego não demorou para se abrir numa pequena lagoa, com mais ou menos 7 metros de diâmetro. Tirei a minha roupa e dei um mergulho. Não havia problema algum, aquele era o meu jardim, meu bosque, meu lago. Ninguém podia chegar ali sem que eu tivesse conhecimento.

Assim fiquei, boiando nua na água límpida e calma do pequeno lago. Antes da noite cair, adormeci.

Londres : Final de 2007

Estava muito frio perto da época do Natal. Sua vida havia caído em total desgraça. Tudo estava dando certo 6 meses atrás. Emprego novo e satisfatório. Tinha começado a namorar e pensava em voltar para a faculdade, pois havia parado quando saiu de casa.

Sua família tinha começado a desmoronar meses atrás.

Sua mãe havia ficado grávida, mas seu pai jurava que o filho não era dele. Então as brigas começaram. E ficou insuportável viver naquela casa. No mesmo mês que saíra, sua irmã havia trazido uma amiga para morar junto.

“Não sei como podem viver naquele clima de guerra.” Saitou ficava pensando quase o tempo todo.

Mas, assim que a nova moradora tinha terminado de se instalar, as brigas acalmaram. Passo-se o tempo, e o bebê nasceu.

Não havia como duvidar, o filho não era do pai de Saitou, pois a criança era negra. Então a briga recomeçou.

“- Sua vadia. Prostituta, Infiel.” Gritava Shinzo, o pai e Saitou.

“- A culpa é toda sua, seu corno.” Respondia a mãe. Ele teve o desprivilégio de presenciar a briga.

“- Sai já da minha casa com essa criança imunda. Fique longe dos meus filhos.”

“- Seus filhos.” Riu a mãe. “- O único que é seu está bem longe.” Ela se referia a Adam, o irmão mais velho de Saitou que estava na Hungria.

“- Sua mentirosa.” Tentava argumentar o marido.

“- Quer saber como começou?” Respondeu ela. “- Começou com aquela aposta idiota que você fez. Apostou com seu amigo sei lá o quê, e quando perdeu a aposta, eu tive de dar pra ele.”

“- Vou te dizer uma coisa.” Ela não deixava espaço para ele falar. “- Na época te disse que odiei. Mas foi muito pelo contrário. Ele me comeu de várias formas. Eu gemi muito. E quando ele disse que você queria foder a sobrinha de 12 anos dele caso ganhasse a aposta eu mandei ele tirar a camisinha fuder meu cú e gozar dentro da minha boceta. E como ele gozou.”

“- E não terminou naquele dia. Várias vezes nos encontramos. E ele sempre gozava em mim. Até que fiquei grávida e ele foi embora para a Noruega.”

“- Sabia que ele era ruivo? Apenas pintava o cabelo porque não gostava do vermelho.” Ela havia ignorado totalmente a presença de Saitou, Shizune e da amiga dela na casa.

“- Ah sim. Depois veio o Dave. Após experimentar sexo de verdade, não pude mais me contentar com você. Não usava mais camisinha quando transava. E Dave me levou a muitas casas de swing. Dei muito, para várias pessoas, até ganhei dinheiro dando. Ai aquele idiota morreu num acidente, me deixando grávida, pois eu só transava sem camisinha com ele.”

“- Então teve o fim de ano passado. Aquela festa da sua empresa onde você bebeu um monte lembra. Festa não, bacanal. Pois todos os seus amigos me comeram. Eu engoli porra de todo

mundo. E conheci aquele nego incrível. O Richard, ele é um dos seus melhores amigos não? A cabeça do pau dele é o dobro do seu pau inteiro quando duro. Tu não imagina como eu gemi de prazer quando ele meteu aquilo em mim, na buceta, na boca, eu enfiei até a garganta. E também no cú, aquele caralho grande e grosso, 28 centímetro por 6. Sendo que 6 centímetros era apenas a cabeça grande e grossa.”

No dia seguinte a briga, Shinzo havia se enforcado.

A mãe de Saitou entrou em depressão, não queria mais saber do recém nascido, e vivia perguntando sobre o Adam.

Duas semanas depois, ela mandou as duas garotas para fora de casa e se trancou. Naquela noite os vizinhos ouviram a crinaça chorar bastante na rua, e viram a casa pegar fogo. Quando encontraram o bebê, ele estava com o pênis e saco arrancados, sangrava muito. Milagrosamente a criança ainda se mechia, mas não sobreviveu aos ferimentos graves. Não foi possível salvar mulher, um investigação do corpo de bombeiros concluiu que o incêndio começou em seu corpo.

Agora Saitou estava novamente indo para o trabalho. Fazia muito frio e tinha que andar um pouco do ponto de ônibus até o restaurante.

Não percebeu quando começou a ser seguido. Estava prestes a descer a escada que dá acesso para a cozinha quando o viu.

Não identificou muito o rosto, mas a jaqueta lhe causou um grande choque. Era do mesmo modelo que o mendigo usava quando o atacou. Sem pensar em mais nada, Saitou pegou uma garrafa de vinho vazia do lixo do restaurante e partiu para cima do seu perseguidor. Não seria atacado pelas costas, iria combater de frente dessa vez.

O rapaz, loiro, não reagiu, não esperava ser atacado de forma tão brutal. Com um golpe na cabeça, ele caiu no chão e a garrafa se partiu. Para depois ser cravada no peito pelo japonês insandecido.

Assim que terminou de “esfaquear” o rapaz com os cacos da garrafa, Saitou se deu conta do que tinha feito. Viu o ar de incredulidade no rosto do jovem, milagrosamente vivo.

Viu o sangue em suas mãos, em sua blusa.

Imediatamente a retirou e a largou sobre o corpo. As mãos lavaria no restaurante, para onde saiu correndo, deixando uma pessoa agonizando a beira da morte na calçada mal iluminada.